Múltis do Brasil voltam a investir no exterior

Entre janeiro e fevereiro, esse tipo de investimento já supera US$ 5 bi; Banco Central eleva projeção para o ano para US$ 15 bi

Leandro Modé

Passado o susto com a crise global, as empresas brasileiras retomam com força o processo de internacionalização. Em fevereiro, os investimentos das chamadas multinacionais verde-amarelas no exterior atingiram o maior valor para um único mês desde que o Banco Central (BC) começou a acompanhar os dados: US$ 4,2 bilhões.

Com isso, o chamado IBD (Investimento Brasileiro Direto) já acumula em 2010 US$ 5,5 bilhões. O desempenho levou o BC a triplicar a projeção desse investimento no ano, de US$ 5 bilhões para US$ 15 bilhões. Ainda é um valor distante do recorde de US$ 28 bilhões alcançado em 2006, mas é inegável que as empresas brasileiras voltaram a ter confiança para expandir-se além das fronteiras nacionais.

Para se ter uma ideia, no ano passado, auge da turbulência, essas companhias trouxeram de volta ao País pouco mais de US$ 10 bilhões. "O que houve em 2009 foi um recuo tático, não estratégico", define o presidente da Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e da Globalização Econômica (Sobeet), Luís Afonso Lima.

Segundo ele e outros especialistas, os fatores que impulsionam as companhias brasileiras no processo de internacionalização podem ser divididos entre estruturais e conjunturais.

Sobrevivência. No primeiro caso, encaixa-se, por exemplo, o ganho de competitividade que a internacionalização traz. "Para sobreviver no próprio mercado doméstico, é preciso se internacionalizar", diz Afonso Lima.

"A atuação em outros países obriga a empresa a ser mais competitiva, melhorar seus padrões. Os benefícios disso se irradiam por toda a multinacional, inclusive para a matriz", completa o professor Álvaro Cyrino, do Núcleo de Negócios Internacionais da Fundação Dom Cabral.

Uma segunda razão é o ganho de escala. "Em alguns países, o tamanho do mercado é muito superior ao brasileiro", diz Cyrino. Ele lista um terceiro fator positivo para as empresas que encaram o desafio lá fora: redução do risco geográfico. "Dessa forma, a companhia não fica presa a um único país para obter seus resultados. Basta lembrar do péssimo momento por que passou o Brasil nos anos 80."

Pechinchas. Entre as razões conjunturais, destaca-se o rescaldo da crise global, que derrubou os preços de vários ativos no mundo. "Existem algumas pechinchas lá fora", afirma o estrategista-chefe do Banco WestLB no Brasil, Roberto Padovani.

As vantagens conjunturais não se restringem aos preços convidativos no exterior. É preciso acrescentar o poder de compra do real. "Com o câmbio favorável, torna-se mais barato investir lá fora", diz Padovani.

Ele lembra, ainda, que há ao menos um fator negativo nesse processo: a infraestrutura ruim do Brasil, que leva algumas empresas a buscar em outros países condições adequadas para aumentar a eficiência produtiva.

Para muitos, pode parecer estranho que uma empresa brasileira busque internacionalizar-se no momento em que o Brasil é considerado o 'queridinho' dos investidores globais. "Não há contradição nisso", afirma Cyrino. "Em primeiro lugar, porque quem tem caixa pode fazer compras na bacia das almas. Em segundo, porque a crise não é eterna."

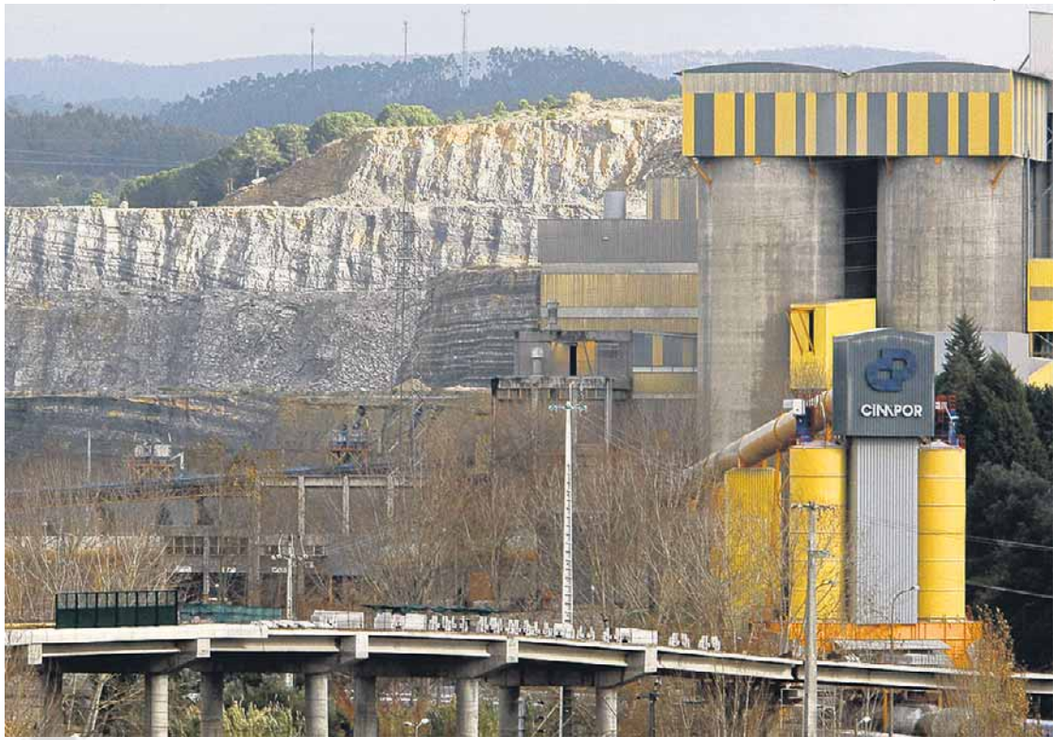
Perspectivas. A projeção da Sobeet para o IBD em 2010 é a mesma que a do Banco Central. "A diferença é que a nossa foi feita antes, com base em uma pesquisa que realizamos com empresas", diz Afonso Lima. Para Cyrino, da Fundação Dom Cabral, dificilmente o IBD baterá neste ano o recorde de 2006. "A menos que tenhamos alguma transação muito grande que acabe distorcendo as estatísticas, como aconteceu em 2006 quando a Vale comprou a (canadense) Inco", afirma. "Mas isso não está no radar hoje."

● Do Brasil para o mundo

LUÍS AFONSO LIMA
PRESIDENTE DA SOBEET
"O que houve em 2009 foi um recuo tático, não estratégico"
"Para sobreviver no próprio mercado doméstico, é preciso se internacionalizar"

ÁLVARO CYRINO
PROFESSOR DO NÚCLEO DE NEGÓCIOS INTERNACIONAIS DA FUNDAÇÃO DOM CABRAL
"A atuação em outros países obriga a empresa a ser mais competitiva, melhorar seus padrões"

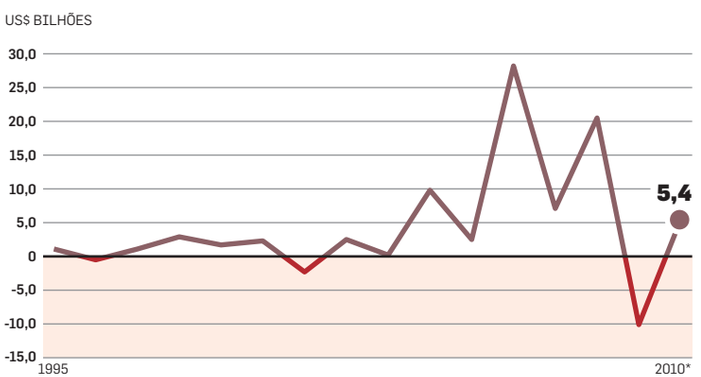
JOSE MANUEL RIBEIRO/REUTERS



Interesses. A cimenteira portuguesa Cimpor recebeu investimentos de empresas brasileiras

RETOMADA

● Crise brecou investimento de empresas brasileiras no exterior. Em 2010, já há recuperação



*Janeiro e fevereiro

FONTE: BANCO CENTRAL, COM ELABORAÇÃO SOBEET

INFOGRÁFICO/AE

Autorização desta arquivo é exclusiva

Fonte: O Estado de S.Paulo, São Paulo, 28 mar. 2010, Economia & Negócios, p. B4.